

REVISTA

www.revistacefetiando.cefetmg.br

CEFETIANDO

Volume 1 - Número 2 - Novembro de 2020 - CEFET-MG - Campus Leopoldina



Leopoldina:
patrimônio e memória

A Pandemia e o Ensino
Remoto Emergencial

Dicas para o ENEM e
vestibulares: A União
Europeia e o Brexit

Revista Cefetiando [Recurso eletrônico] / Centro Federal de
R454 Educação Tecnológica de Minas Gerais, campus Leopoldina.
v. 1, n.2, (nov. 2020).- Leopoldina (MG) : CEFET-MG,
2020.

Trimestral.

ISSN

1. Educação - Periódicos. 2. Educação – Estudo e Ensino. 3. Linguagens
I. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Unidade
Leopoldina.

CDU: 37(05)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca - Campus III / CEFET-MG
Bibliotecária: Luzia Adriana Damasceno - CRB/6 -2305

REVISTA CEFETIANDO

Volume 1 - Número 2 - Novembro de 2020 - CEFET-MG - Campus Leopoldina



CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
DE MINAS GERAIS

**Diretor-Geral**

Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefia de gabinete

Carla Simone Chamon

Vivian Fontes Moreira Bitencourt

Diretoria de Educação Profissional e Tecnológica

Sérgio Roberto Gomide Filho

Ezequiel de Souza Costa Júnior

Diretoria de Graduação

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Giani David Silva

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Conrado de Souza Rodrigues

Laíse Ferraz Correia

Diretoria de Planejamento e Gestão

Moacir Felizardo de França Filho

Leonardo Augusto Generoso

Diretoria de Extensão e Desenvolvimento**Comunitário**

Flávio Luis Cardeal Pádua

Ulisses Cotta Cavalca

Diretoria de Governança e Desenvolvimento**Institucional**

Henrique Elias Borges

Carolina Riente de Andrade

Diretoria de Tecnologia da Informação

Gray Farias Moita

Clever de Oliveira Júnior

Diretoria de Desenvolvimento Estudantil

Carolina Riente de Andrade

Joyce de Oliveira Ribeiro

Diretoria do campus Leopoldina

Douglas Martins Vieira da Silva

José Geraldo Ribeiro Júnior

Chefia do Departamento de Formação Geral do campus Leopoldina

Katalin Carrara Geöcze

Diego Ferreira Carneiro

Coordenação de Desenvolvimento Estudantil

Raphael Franzoni Barbosa

Camila Gonçalves Guimarães

Eduardo Rocha Benini

Vera Marcia Minelli

**REVISTA
CEFETIANDO**

www.revistacefetiando.cefetmg.br

Conselho Editorial

Carlos Eduardo Nunes Garcia

Flávia Marina Moreira Ferreira

João Felipe Alves de Oliveira

Krichynah Louren Gandara de Lima

Sabrina Anacleto Teixeira

Bolsista

Milena Barbosa Matos

Secretário de Comunicação

Luiz Eduardo Pacheco

Projeto Gráfico e Diagramação

Pedro Godoy

Correspondência

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG – Campus Leopoldina
Rua José Peres, 558 - Centro - Leopoldina - MG
Brasil – CEP 36700-001

TEL: (32) 3449-2313 • (32) 3449-2315

E-mail: cefetiandolpd@gmail.com

Créditos das fotos

Fotos da Revista Eletrônica sobre Leopoldina, Minas Gerais. Projeto da OSCIP Felicidade em parceria com o Cefet-MG (Campus Leopoldina).
Ilustrações: Freepik

**Periodicidade**

Trimestral

Sobre a revista

A revista Cefetiando, cujo objetivo é a circulação de textos produzidos pela comunidade do CEFET/MG campus Leopoldina, é uma iniciativa financiada pela Secretaria de Política Estudantil, através do programa BCE.

Reportagem

Uma retrospectiva
do ERE no *CEFET/MG*

8

O Retorno 10

Novas experiências
em pandemia

12

Artigos

"Don't take it for granted" 15

Algumas reflexões sobre o
patrimônio e a memória de
Leopoldina, Minas Gerais 16

Relato de
experiência de ensino 22

VPN, o que é e qual
sua **importância** para
o trabalho remoto 13

Clube de leitura

Clube de leitura
Introduzindo 24

Oliver Twist VIII 27

Resenha de
"A Casa de Astérion" 29

Mural literário

Pandemia 31

Se der, ótimo 32

Dicas

*A União Europeia
e o "Brexit"* 33

HQs

HQs 36

A Célula Animal 38

Célatube 39

Sabrina Anacleto Teixeira

Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.

Docente do CEFET/MG campus Leopoldina.

É com grande satisfação que introduzo esta edição da Revista Cefetiando. Para começar nossa conversa, cito a primeira estrofe de um soneto de Luís de Camões:

*Mudam se os tempos, mudam se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.*

Mudança, substantivo que foi imperativo no ano de 2020. A pandemia que assolou o mundo nos fez repensar nossas prioridades, nossos modos de conviver, nosso modo de ensinar e aprender. Em meio a tantas incertezas e inseguranças, tivemos que ver o mundo com novos olhos e são esses “*novos olhares*” que esta edição da Revista Cefetiando busca captar e retratar. Cada palavra, cada texto foi pensando com muito carinho para vocês! Espero que os textos possam despertar em vocês novas sensações e novas experiências!

Nesta edição, contamos com a contribuição de diversos professores e alunos do CEFET/MG. A primeira reportagem, escrita pela professora Krichynah, nos descreve como foi instaurado o ensino remoto emergencial (ERE) no CEFET/MG. O ERE foi uma das grandes mudanças a

qual tivemos que nos adaptar nesse ano. Entre erros e acertos, tivemos que reinventar o modo de ensinar e aprender.

Na seção artigos, nos deparamos com o artigo do professor João Felipe, o *Retorno*, que nos traz uma impressão do primeiro semestre do ERE. Mas não pensem que lerão um texto com um relato frio e objetivo, apenas com números e dados desse retorno. É um relato muito sensível e com incríveis referências literárias, que mostra como a ideia de retorno sempre esteve presente na humanidade. Enquanto o texto do professor João apresenta o ponto de vista dos professores, o artigo da aluna Isadora, também de maneira reflexiva e sensível, aborda as novas experiências com ERE sob a perspectiva discente. Devemos lembrar que tanto professores quanto alunos tiveram que se adaptar ao ERE, o que, muitas vezes, foi um processo árduo e exaustivo para ambos.

Diante da impossibilidade de realizar as atividades presencialmente na pandemia, as pessoas tiveram que realizar suas tarefas *on-line*, e, com isso, vários termos surgiram ou se tornaram mais falados. O terceiro artigo aborda justamente a explicação de um termo que muitas vezes ouvimos, mas não entendemos o que é. Nesse texto, Alexandre, técnico de TI, nos

explica o que significa VPN e sua importância para o trabalho remoto.

O artigo *Don't take it for granted*, da professora Krichynah, além de nos explicar sobre o significado de um termo em inglês, nos apresenta uma mensagem de esperança para o ano letivo de 2020, que não pode ser considerado “perdido”, visto que aprendemos muitas lições que, com certeza, levaremos para o restante da nossa existência.

O professor Leonardo escreveu um artigo sobre patrimônio e memória de Leopoldina. Alguns de vocês podem se perguntar, mas o tema desta edição não é “novos olhares”? Por que falar de memória? Mas é aí que vocês se enganam, pois pensar na nossa memória e no nosso passado nos ajuda a construir novas memórias. Preservar nosso patrimônio histórico é preservar nossa identidade e nossa história, o que mantém a possibilidade de construções de nossas identidades e novas histórias.

Por fim, na seção de artigos, encontramos o texto da professora Flávia, que relata a experiência de ensino com os alunos do terceiro ano. Como vocês poderão observar, os cartazes dos alunos ficaram lindos e super criativos, além de denunciarem um problema sério que afetou o nosso país este ano (os incêndios criminosos que devastaram o Pantanal).

A próxima seção, sem querer desmerecer as demais, é muito especial, pois aborda literatura, tema sobre o qual sou suspeita para falar (sou professora de português e literatura!). O *Clube de Leitura* na Revista Cefetiando é uma oportunidade de incentivar a leitura e despertar nos nossos leitores o amor pelo texto literário. No clube desta edição, podemos ler a resenha de três textos. A resenha introdutória, escrita pela professora Erika, além de abrir essa seção com chave de ouro, nos conta um pouco do livro “Assassinato no expresso do Oriente”, da autora Agatha Christie, um clássico da literatura mundial. Em seguida, temos a resenha de outro clássico, “*Oliver Twist*” – um romance de Charles Di-

ckens – escrita pelo aluno Ayres William. Por fim, temos o prazer de ler um pouco sobre o conto “A Casa de Astérion”, de Jorge Luis Borges a partir da resenha escrita pela aluna Bruna Santos, aluna do Campus I (Belo Horizonte) que participou do Clube de Leitura organizado pelos professores do Campus Leopoldina durante os meses de junho e julho. A seção *Mural literário* apresenta dois poemas: “Pandemia” e “Ser der, ótimo”, escritos por Ariel e Bruna, respectivamente. Ler esses poemas é uma deliciosa experiência estética e reflexiva, pois as autoras abordam com muita delicadeza e sensibilidade o tema da pandemia e isolamento social, leituras imperdíveis!

Na seção *Dica para o Enem* desta edição, temos um texto super informativo da professora de geografia Franciele. A leitura desse texto é uma oportunidade de aumentarmos nosso conhecimento geopolítico, uma vez que o artigo aborda a situação do Reino Unido em relação à União Europeia, o chamado Brexit. Texto indispensável para os alunos de todos os níveis de ensino, sobretudo para aqueles que buscam prestar vestibulares e/ou ENEM.

Encerramos nossa Revista Cefetiando com o meu relato - escrito juntamente com a professora Juliana - no qual apresentamos o trabalho que realizamos com os alunos do primeiro ano dos cursos técnicos em que eles tiveram que escrever uma história em quadrinhos cujas personagens seriam as organelas celulares. Com essas HQs, vocês poderão se divertir com o mundo das células! Teremos desde células YouTubers até células procurando emprego. Como vocês poderão perceber, os alunos foram muito criativos e muito talentosos ao criarem suas histórias, o que demonstra que aprender não é só “decorar conceito”.

Caros leitores, a nossa revista foi preparada com muito carinho para todos vocês! Espero que gostem, que leiam e se divirtam! É uma honra estarmos pertinho de vocês, através dos textos. Sintam-se abraçados e acolhidos por estas páginas!!

Uma retrospectiva do ERE no **CEFET/MG**

Krichynah Louren Gandara de Lima

Graduada em Letras pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

O mês de março de 2020 transcorria dentro da normalidade nos corredores do CEFET-MG em Leopoldina até a sua segunda semana. A onda crescente de casos de Covid-19 na China e na Europa ainda parecia não nos afetar. As coisas, entretanto, mudaram muito rapidamente depois disso. O aumento de número de casos confirmados em São Paulo e no Rio de Janeiro e a confirmação do primeiro óbito por Covid-19 no Brasil geraram um sentimento geral de pânico e incerteza que levaram o Conselho Diretor do CEFET-MG a suspender o calendário escolar para todos os níveis de ensino no dia 15 de março. A medida era emergencial e foi pensada, segundo o Prof. Dr. Douglas Martins, diretor do campus Leopoldina, para durar cerca de três meses – tempo que se imaginava persistir a curva de contaminação no país.

Os dados três meses se passaram, e a curva de contaminação por Covid-19 estava em plena ascensão no Brasil. Entendendo que o retorno presencial não seria possível e que se fazia necessário o retorno às atividades escolares, iniciaram-se em julho os preparativos para o retorno às atividades letivas em agosto. Entre o corpo docente, o mês de julho foi marcado por muita apreensão e incertezas. Em meio aos cursos de capacitação para o Ensino Remoto Emergencial e às várias reuniões de comissões e departamentos, muitos profes-

res sentiam a insegurança de ter que se reinventar e pensar novas formas de promover a aprendizagem por via eletrônica.

Se a situação não era favorável para o corpo docente, que dirá para o corpo discente? Foi necessário um levantamento da situação entre os alunos para descobrir que muitos deles não contavam com acesso à internet wi-fi ou não possuíam computadores para assistir às aulas remotas e realizar as atividades. Esse levantamento foi realizado pela Comissão Local do Campus Leopoldina, juntamente com a Comissão Geral, e gerou como ação a distribuição da Bolsa Emergencial-Pacote de Dados a 2000 alunos de todos os campi em situação de vulnerabilidade, além da alocação de recursos para aquisição de computadores.

A gestão desses recursos, bem como a garantia às bolsas assistenciais para permitir que os alunos tenham acesso às aulas e a todo o suporte necessário, tem sido o principal desafio da Diretoria do campus e da Coordenação de Desenvolvimento Estudantil em Leopoldina. “Fazer acontecer o ERE foi e ainda é um grande desafio institucional. Após o anúncio do retorno às aulas na modalidade remota, no âmbito da assistência estudantil, o setor buscou articular ações para a garantia da permanência estudantil de modo coletivo e uniforme entre todos os campi”. responderam Camila



Guimarães e Eduardo Benini, da Coordenação de Política Estudantil, em entrevista à revista Cefetiando.

Entre o Acolhimento na primeira semana de agosto e a Avaliação do ERE na primeira semana de outubro, muita coisa aconteceu. Mesmo não tendo sido plenamente resolvida a questão da inclusão e equidade no acesso às aulas no ERE, o primeiro bimestre foi retomado e trouxe enormes desafios a professores, alunos e setores administrativos da instituição. Lecionar em casa, na companhia dos filhos e familiares, estar sujeito a falhas na conexão da internet, lidar com os mais diversos ruídos externos e até mesmo com a limitação nos recursos tecnológicos foram alguns dos obstáculos que os professores se viram obrigados a superar.

Para o Grêmio Estudantil, as demandas, que antes se limitavam ao Intercampi e à disponibilidade de ônibus para transporte escolar intermunicipal, hoje se estendem à falta de recursos para acesso adequado às aulas online e a questões psicológicas sobre o impacto

do volume de atividades escolares, somadas às mudanças e perdas sofridas pelos alunos. A realidade de vários dos alunos, segundo o Grêmio, inclui conciliar as demandas escolares ao trabalho remunerado que se fez necessário quando a renda familiar sofreu impacto.

A dimensão do prejuízo que a pandemia causou à educação no Brasil ainda não pode ser medida. Dentro do CEFET-MG, o Ensino Remoto Emergencial foi pensado como uma maneira de manter o vínculo com os alunos e com a comunidade escolar, mas garantir o efetivo aprendizado dos alunos nessa modalidade é uma questão muito mais complexa. Como balanço do primeiro bimestre, foi possível detectar falhas no planejamento que levaram a erros que precisarão ser corrigidos no segundo bimestre.

Propostas como trabalhos interdisciplinares, uso de metodologias ativas e um planejamento antecipado e cuidadoso foram sugeridas por alguns professores na Semana de Avaliação do Ensino Remoto, na tentativa de promover o aprendizado entre os alunos e diminuir o volume de atividades e o consequente impacto psicológico que essa modalidade impõe.

Quanto ao futuro do ERE, o fim da pandemia e retorno às atividades escolares na modalidade presencial, temos mais perguntas do que respostas. Esse momento ímpar e extremamente delicado que enfrentamos requer empatia por parte de todos. Nas palavras da Coordenação de Política Estudantil de Leopoldina: *“estamos convictos de que esse “novo normal” nos pedirá, e já nos pede, generosidade e alteridade. Ou seja, uma grande dose de empatia, um trato geral ainda mais cuidadoso e respostas localizadas diante das vulnerabilidades materiais, simbólicas e afetivas de nossos estudantes bem como de todos(as) os(as) participantes de nossa comunidade escolar. É esse exercício que precisamos todos fazer”*.

Uma impressão sobre o primeiro bimestre de 2020 no Ensino Remoto



João Felipe Alves de Oliveira
Docente do CEFET/MG campus Leopoldina
Doutor e Ciência da Literatura pela UFRJ

Retornar. Esse é o imperativo que tem governado nossos dias nos últimos meses. Retornar para qual destino?

A realidade pretérita é simulada através de telas e de conexões invisíveis, tentáculos que se estendem pelo ar e nos atiram face a face, face a tela, face a faces em múltiplas telas. De súbito, ergueu-se em torno de nós um universo imaterial, potente em nos absorver justamente por ser sustentado por sinais cibernéticos que evocam magia, fazendo com que a comunicação seja transcendental; ela perfura os espaços que nos separam e atravessa as distâncias que nos mantêm seguros, não raro sós.

Estamos dentro. Não há grande novidade em habitar uma dimensão povoada por incessantes imagens pixelizadas, por ruídos artificiais, por mensagens que transitam em velocidade tão abismal que funcionam como uma espécie de telepatia. Estávamos adaptados. Imersos na virtualidade digital como sempre mergulhamos em quaisquer ilusões. A mudança radical deu-se na transposição inaudita da esfera do trabalho, do mundo do suor, das dinâmicas

que ainda exigiam a proximidade dos corpos para um canto doméstico, onde avivamos nosso totem luminoso que nos conecta à realidade, aos vestígios dos outros. Está instalado o reino das piores neuroses ou foi proclamado o conforto final, a inércia total? Dentro estamos. Porquinhos refugiados na casa de palha. Fora, um inimigo de ares quiméricos, gigante pavoroso que para muitos não passa de um moinho de vento, espreita e espera.

O retorno está no bojo da nossa cultura, quer relutemos ou celebremos o legado ocidental. Odisseu retorna à Ítaca para reclamar seu trono e reencontrar a amada Penélope e o filho Telêmaco, governando próspero e pacificamente. Agamemnon retorna à Micenas para encontrar o rancor de Clitemnestra e a aniquilação que a esposa lhe preparara, o que coloca os filhos do casal real num caminho de sangue e danação, vítimas de terríveis maldições. Medéia nunca volta para a morada do pai na Cólquida, manchada por crimes e traições que proíbem seu retorno. O exílio passa a ser a sua casa. O retorno, ou a tentativa de retornar, é imprevisível. Todas as coisas podem nos acontecer ao regressarmos. Navegadores europeus retornaram das Américas com milho, cacau e tabaco, itens que seriam consumidos por seus conterrâneos com a mesma avidez com que incorporariam imagens de um Paraíso terrestre, fantasias geradoras de ideias filosóficas e de aspirações românticas. Soldados norte-americanos retornaram de uma Europa devastada pelos horrores mais acachapantes,

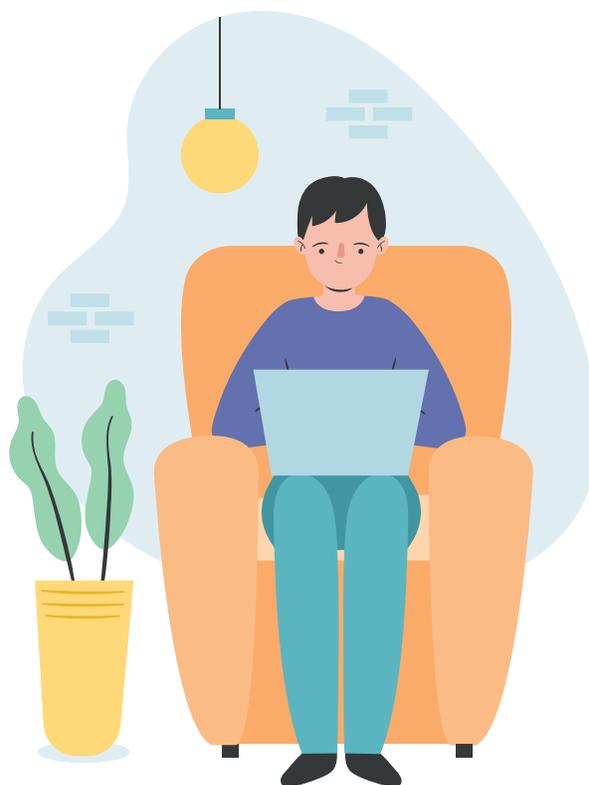
convictos de seu heroísmo e de terem triunfado definitivamente contra as forças tirânicas. O regresso sempre impõe um incômodo recomeço: o lugar da origem e o conforto familiar são abalados pelas impressões nascidas na viagem, nosso olhar se turva. A terra materna treme sob nossos pés.

O retorno que encenamos agora não é épico, não estamos voltando de longínquas terras desconhecidas. Retornamos de uma jornada reclusa, dias e noites de dúvidas e temores, para um simulacro de cotidiana normalidade que já se mostra instável e dissonante, e que também se desdobra no recolhimento. A casa é o universo que conseguimos explorar, o lugar em que buscamos conforto e o território a que estranhamos; na casa padecemos, alimentamos desejos e planos, nos evadimos de nós mesmos e buscamos companhia. Essa exploração do lar não é épica, mas os desafios que nela surgem possuem sim estatura homérica.

Eu e meus pares, a quem o nome de professores designa a vontade de dividir o que conquistamos através da leitura, da escuta e da meditação empreendidas com cuidado por anos a fio, acabamos por nos transformar em figuras holográficas que se multiplicam em centenas de casas a fim de que a partilha que nos motiva não seja rompida. Nosso regresso é permeado por aventuras inesperadas, imensos desafios, surpresas boas e más. Para além dos inimigos mais óbvios, o sol negro da melancolia parece incidir em muitos daqueles a quem queremos bem e a quem nos dedicamos todos os dias, e os vampiros da mente causam tristeza, apatia, negação e descontentamento. Mas permanece com vigor o esforço de preservar e fortalecer os laços forjados pelo nosso ofício. Continuamos lutando para fazer do que é fraterno e irredutivelmente humano o comandante das nossas ações e das nossas tentativas de diálogo com os jovens a quem devemos “ensinar” (e com os quais sempre aprendemos). Embora nos manifestemos uns para os outros por meio de sinais, símbolos,

gravações e sofisticadas parafernalias, algo de vital ainda nos une e abriga.

Por hora, somos ilhas. O arquipélago a que pertencemos chega a tornar nossa existência difícil e fatigante. Contudo, o isolamento e a introspecção mandatória não necessariamente nos aprisionam; desta condição insular (e vale lembrar, passageira) podemos trabalhar nossas vontades, enriquecer nossa imaginação, observar melhor as estrelas. Diante das barreiras que fecham, do desalento que invade, do medo que paralisa, resiste o firmamento em que podemos projetar o amanhã. Quando genuinamente retornarmos, quando voltarmos a ser continente, os caminhos estarão sedentos para que neles depositemos os astros em que vínhamos guardando fagulhas da esperança que restou, para que ergamos casas mais próximas das visões de nossos sonhos.



Novas experiências em pandemia

Isadora Lia Beata de Melo Resende

Discente do 1º ano do curso técnico integrado em Eletrotécnica do CEFET/MG campus Leopoldina

Dois mil e vinte, término de década e uma nova página da nossa história. A gente entra em um ano cheia de esperanças e expectativas. Esse ano foi assim também, mas algo não estava no roteiro. Onze de março, dia em que a OMS decretou a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Nem as melhores videntes e cartomantes preveriam isso, pelo menos não foi divulgado. As escolas pararam, lojas fecharam, não tinha estreias no cinema, os restaurantes já não estavam ficando lotados aos sábados e uma parte da população já não estava mais nas ruas. Foi assim que eu percebi que não estava nada bem.

Eu imaginava que isso não duraria dois meses, e agora estou aqui fazendo um trabalho de redação sobre minha experiência em seis meses de pandemia, irônico eu diria. Todos tivemos que nos adaptar a esse novo jeito de viver, tivemos que aprender formas novas de se comunicar com os outros e hoje estamos nos adaptando ao ERE. A pandemia nos proporcionou momentos únicos, ela nos levou de um extremo ao outro em menos de um segundo, nos fez pensar de formas diferentes, nos fez ampliar nossos pensamentos. Refletir além da nossa bolha.

Realmente, nada é como era antes. O contexto se transformou e, com ele, modificaram-se as pessoas. As interações sociais não são permitidas, o que nos leva a uma grande estranheza e desgaste emocional. O cenário escancarou o lado ruim e o lado bom dos seres humanos. Na realidade do nosso país, lidamos com a maior crise sanitária não solucionada até os dias atuais, como também lidamos com uma crise política que evidenciou o descaso dos governantes com a população mais vulnerável. Diante de todos os acontecimentos, concluo que a pandemia me levou a refletir sobre os privilégios da minha situação particular. A chance de poder estar participando das aulas remotas é uma oportunidade que não está ao alcance de todos e, com tudo isso, pretendo levar como aprendizado que é preciso agradecer mais as oportunidades que me são ofertadas.



VPN, o que é e qual sua **importância** para o *trabalho remoto*

Alexandre Martins Gama de Deus

Especialista em Engenharia de Redes pelo INFNET.

Técnico em laboratório/informática do CEFET/MG campus Leopoldina.

Devido ao estado pandêmico em que o mundo se encontra, a rotina da humanidade mudou consideravelmente. Termos como distanciamento social, *home office* e *lockdown* passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Uma outra mudança significativa foi o modo de trabalho das pessoas. Diversas empresas substituíram o modo convencional (presencial) de trabalho para o trabalho remoto, no qual os funcionários realizam suas atividades administrativas à distância, sem sair de casa e pelo próprio computador.

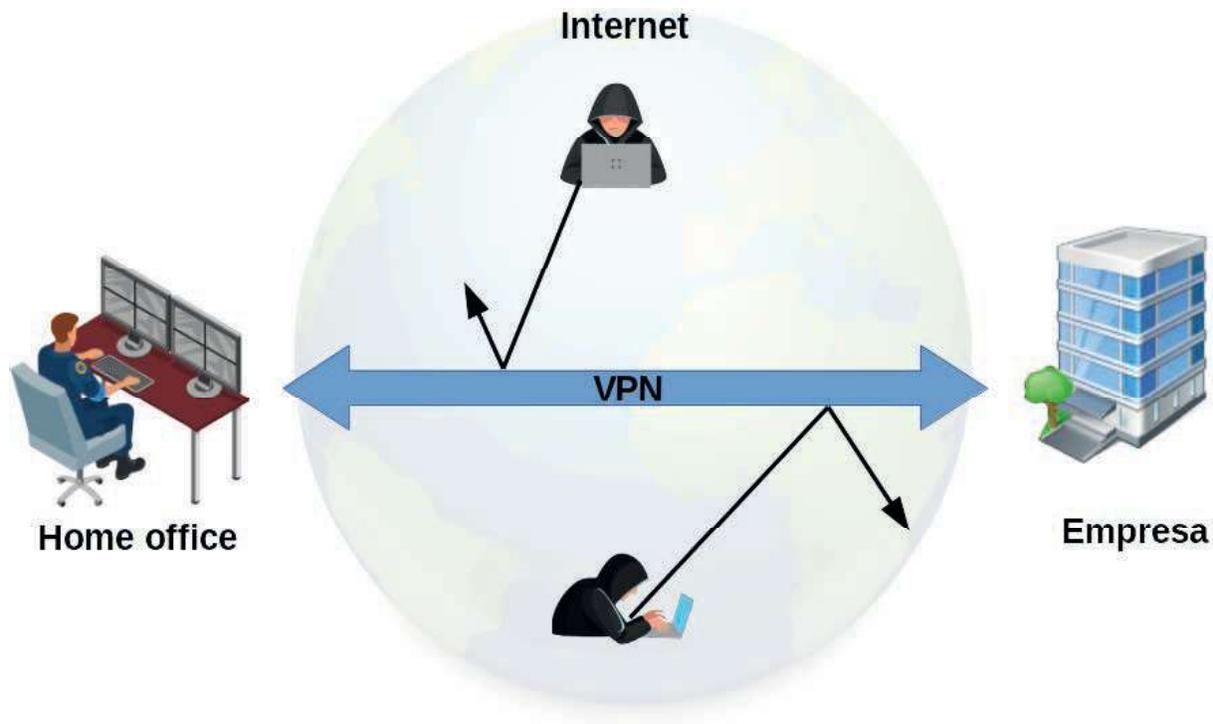
Neste cenário de trabalho remoto, um novo termo surge em nossas vidas, a VPN. Muito provavelmente, o departamento de TI (Tecnologia da Informação) da empresa em que você trabalha enviou um e-mail informativo sobre os novos procedimentos para o trabalho remoto e, em algum momento, existia a frase “Conecte-se à VPN”. Mas afinal, o que significa VPN?

A rede mundial de computadores (internet, para os mais íntimos) permite que milhões de dispositivos se comuniquem trocando informações (áudio, vídeo, arquivos...) simultanea-

mente. Em meio a todo esse tráfego de informação, pessoas mal-intencionadas colocam também armadilhas virtuais, que muitas vezes resultam em roubos de identidade ou mesmo sequestro de informações. Por este e por outros motivos, é que a internet não é tão segura como muitos acreditam.

Esse cenário se torna ainda mais crítico quando informações sigilosas de empresas ficam sujeitas a interceptação e acesso de pessoas não autorizadas, uma vez que a comunicação com as empresas não são mais internamente como no trabalho presencial, mas sim externamente. Os funcionários, então, em suas próprias residências, utilizam a internet para acessar remotamente as informações empresariais.

Apesar de ser possível efetuar um acesso remoto através de *softwares* específicos como *AnyDesk*, *Teamviewer* e *LogMeIn*, esta não é uma boa prática para ambientes empresariais, pois podem comprometer a segurança das informações e da empresa, uma vez que as mesmas são as mais visadas pelos cibercriminosos.



Neste momento, surge a importância da VPN, a *Virtual Private Network* ou Rede Virtual Privada. Com a VPN, um túnel virtual é criado entre a casa do funcionário e a empresa em que ele trabalha. Desse modo, todas as informações trocadas entre funcionário x empresa ficam inacessíveis para o restante da internet.

Ao se conectar à VPN, é estabelecida uma conexão entre o computador na casa do funcionário e o servidor VPN da empresa (ponta à ponta). Esta conexão é denominada túnel e utiliza uma criptografia para proteger as informações que transitam nesse meio. Esse túnel utiliza a internet como meio de transmissão, mas, devido à sua criptografia, apenas o remetente e o destinatário poderão acessar os dados, garantindo assim a integridade das informações protegendo-as de acessos não autorizados.

Com a conexão devidamente estabelecida, é possível acessar os serviços computacionais

(compartilhamento, impressão, sistemas de gestão...) da empresa como se estivesse fisicamente no ambiente de trabalho.

Este modo de conexão é chamado de *client-to-site*, no qual uma pessoa se conecta a um determinado local. Existe também a comunicação entre empresas (matriz e filial por exemplo). Este modo, que é menos comum de se observar, uma vez que a conexão não depende do usuário, é denominado *site-to-site*. Um grande exemplo para VPN *site-to-site* é uma rede de supermercado, o qual tem em sua matriz o banco de dados com todos os produtos e seus respectivos preços registrados. Suas filiais, no entanto, não precisam ter toda uma infraestrutura para armazenamento da cópia dos dados, basta configuração da VPN para que os dados sejam acessados.

Sua empresa tem o serviço de VPN implantado? Proteja o seu patrimônio.

“Don’t take it for granted”

Krichynah Louren Gandara de Lima

Graduada em Letras pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Muito comum na língua inglesa, a expressão “*take something for granted*” não tem um equivalente exato na língua portuguesa, mas podemos e devemos tentar entendê-la e aplicar o sentido dela para nossas vidas.

To take something for granted quer dizer ter algo por certo, garantido, como se não precisássemos fazer nenhum esforço para manter a situação ou acreditarmos que as coisas sempre serão do mesmo jeito. Quero dar exemplos mais práticos e pessoais.

Todos sabemos que a água é um bem precioso que precisa ser preservado. Mas todos os dias tomamos banho, escovamos os dentes, limpamos a casa e lavamos a louça, sem nos dar conta de que, para todas essas coisas, a água é essencial. Imaginem se o abastecimento de água é interrompido por uma semana! Eis o caos.

Nossos pais e familiares são as pessoas mais próximas de nós e, em tese, as que mais nos amam e é por esse exato motivo que nos sentimos na liberdade de desrespeitá-las ou feri-las com palavras porque precisamos extravasar nossas emoções. Mas no dia em que um deles se vai...

Esse ano de 2020 não pode ser considerado um ano perdido. Perdemos muitas coisas sim, mas ganhamos ou resgatamos outras coisas que havíamos perdido ou esquecido. A família, a vida, a saúde e a educação são algumas das coisas que certamente estávamos “*taking for granted*” e que agora passamos a valorizar mais.

É certo que o ano escolar de 2020 foi drasticamente comprometido, e alguns o têm por perdido. Mas não nos esqueçamos das lições que esse ano nos trouxe que levaremos para o restante da nossa existência.



Algumas reflexões sobre o *patrimônio e a memória* de Leopoldina, Minas Gerais

Leonardo Gonçalves Ferreira

Professor do CEFET-MG (Campus Leopoldina).

Doutor em Ciências Sociais pela PUC Minas.

Introdução

Até os anos oitenta do século XX, as narrativas patrimoniais eram voltadas fundamentalmente para o horizonte da nação, e todo e qualquer bem preservado o fora em função de seus vínculos com uma perspectiva específica sobre a história e a identidade nacional (GONÇALVES, 2012). Nas últimas décadas, contudo, patrimônios associados aos mais diversos grupos sociais, étnicos, profissionais, religiosos e movimentos sociais vêm sendo não apenas reivindicados, mas também estabelecidos e reconhecidos. E isso é feito sem que sejam necessariamente colocados em primeiro plano os vínculos com uma suposta identidade nacional.

O atual interesse, em escala mundial, pela memória, patrimônios e também pelos museus seria um sintoma dessas transformações produzidas a partir da articulação de agentes e segmentos desprestigiados que reivindicam espaço na representação patrimonial e na história. Inúmeros estudos têm refletido sobre esses processos e suas repercussões nos discursos do patrimônio no mundo contemporâneo. Tais estudos afirmam que essas transformações consistem em um deslocamento de representação do tempo. Se antes essa representação se caracterizava pela valorização do “futuro”,

como ocorria com os intelectuais modernistas, hoje se verifica sua substituição por um regime de representação no qual o “presente” é profundamente valorizado em detrimento do futuro. Nesse regime “presentista”, o passado seria incessantemente reproduzido como objeto de fruição, no presente (HARTOG, 2013).

A questão do patrimônio também pode ser discutida correlacionando-o com a expansão do que se entende hoje pelo conceito de cultura, tal como sugerido por Handler (2003). Se olharmos a transformação, dos esforços de preservação histórica e do patrimônio cultural desde o século passado - ou mais -, vamos verificar um aumento significativo do número de categorias de objetos e de atividades considerados dignos de preservação. Para Handler, “[e]sforços de preservação, uma vez focados em objetos discretos, monumentos e edifícios foi expandido para incluir conjuntos de edifícios, paisagens, ‘visões’ e tradições ou modos de vida” (HANDLER, 2003, p.357)¹. Verifica-se,

1 Preservation efforts once focused on discrete objects, monuments and buildings expanded to include ensembles of buildings, landscapes, ‘views’ and traditions or ways of life.

portanto, um processo paralelo de expansão e de proliferação de identidades sociais que se reclamam como detentoras e produtoras de cultura também digna de respeito.

Fonseca (2003), por sua vez, na discussão sobre patrimônio, faz uma distinção entre os bens culturais.



Prefeitura de Leopoldina

Quadro 1. Bens culturais

Patrimônio material	Patrimônio intangível
Por um lado, existem aqueles bens que, ao serem produzidos, apresentam relativa autonomia no que se refere ao seu processo de produção.	Por outro lado, existem também aqueles bens culturais que estão associados às manifestações e, por isso, precisam ser atualizados constantemente. Essa atualização se dá não somente através da mobilização de determinados suportes físicos, mas, principalmente, depende da ação de sujeitos que sejam capazes de atuar de acordo com determinados códigos.

Fonte: Fonseca (2003)

A imaterialidade, para Fonseca (2003), é relativa. Assim, a autora sugere que a expressão “patrimônio intangível” seja mais apropriada do que “patrimônio imaterial” porque remete ao que é transitório, fugaz e que não se materializa prontamente em produtos duráveis (FONSECA, 2003). Portanto, é a partir de uma reflexão sobre a função de patrimônio que se passou a adotar, em vários países, uma concepção mais ampla de patrimônio cultural, que não está mais centrada apenas em determinados objetos, mas, também, em uma relação da sociedade com a sua cultura.

Com os intensos fluxos migratórios, com as novas tecnologias de comunicação e com a interpenetração de tradições culturais distintas, a ampliação do conceito de patrimônio cultural

contribui para a aproximação das políticas culturais aos contextos multiétnicos, multirreligiosos e heterogêneos que caracterizam as sociedades contemporâneas (FONSECA, 2003).

Os patrimônios servem não apenas para as políticas de Estado; são também espaços de reivindicação de natureza política e econômica por parte de grupos sociais, servem como mobilizador de estratégias identitárias, servem para a formação de subjetividades individuais e coletivas e servem para os propósitos da indústria turística (GONÇALVES, 2012). Ao perceber as diferentes modalidades de representação do patrimônio, localizadas em determinados contextos institucionais e a um regime de representação do tempo e da autenticidade específicos, Gonçalves

(2012) pondera que seria mais adequado “nos permitir pensar o patrimônio não mais como um dado situado num tempo ou num espaço distante, mas como um processo presente, incessante, imponderável e interminável de reconstrução” (GONÇALVES, 2012, p. 69-70).

Este breve percurso histórico de transformação do conceito de patrimônio tem como objetivo introduzir uma discussão sobre as atuais políticas públicas de preservação e suas principais medidas protetivas em Leopoldina, Minas Gerais.

Políticas patrimoniais de Leopoldina, Minas Gerais



Teatro Alencar

A área de interesse histórico de Leopoldina, segundo o Plano Diretor da cidade, compreende a Rua Barão de Cotegipe e adjacências da Escola Estadual Professor Botelho Reis, conhecida como Ginásio. Consta no Plano Diretor o inventário de todos os bens nesta área que são passíveis de proteção.

O Setor de Patrimônio, vinculado à Secretaria de Cultura da Prefeitura de Leopoldina, é responsável pelas políticas públicas de preservação patrimonial da cidade. A equipe segue as diretrizes e deliberações anuais do IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) e envia, uma vez por ano, laudos técnicos para a instituição sobre o estado de conservação dos bens protegidos.

Os atuais bens protegidos de Leopoldina são:

- 1) Paço Municipal (Prefeitura);
- 2) Museu Augusto dos Anjos;
- 3) Escola Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio);
- 4) Escola Municipal Ribeiro Junqueira;
- 5) Estação Ferroviária de São Martinho;
- 6) Estação Ferroviária de Providência;
- 7) Estação Ferroviária de Abaíba;
- 8) Estação Ferroviária Ribeiro Junqueira;
- 9) Estação Ferroviária de Vista Alegre².

² As estações ferroviárias se localizam em distritos de Leopoldina.



Estação Ferroviária de Providência

Todos estes bens são tombados pelo município. O único com tombamento estadual é o Ginásio. Além destes, há também o registro dos seguintes bens patrimoniais:

- 1) Clube dos Cutubas³;
- 2) Mina da Taboquinha, localizada em Leopoldina.

Existe ainda o interesse de tombamento do Morro do Cruzeiro, localizado em Leopoldina, e do conjunto arquitetônico de Piacatuba (Distrito da cidade).

Com relação ao patrimônio intangível, há o interesse do registro de:

- 1) Doces de Tebas (Distrito de Leopoldina);
- 2) Música Serginho do Rock ("Mineira gostosa");
- 3) Feira da Paz;
- 4) Festival de Viola e Gastronomia de Piacatuba;
- 5) Festa de Santa Isabel em Abaíba;
- 6) Festival de Folia de Reis nas Palmeiras.

³ Agremiação cultural e recreativa negra fundada em 1925 na cidade de Leopoldina.



Rua Cotegipe



Grupo Escolar Ribeiro Junqueira



Piacatuba

Considerações finais

De acordo com as diretrizes do IEPHA-MG e do Plano Diretor da cidade, na área de interesse histórico de Leopoldina, há uma almetria permitida (12 metros). Contudo, isto não foi completamente respeitado, já que um prédio de onze andares foi construído em frente à Prefeitura, o que impactou não apenas na visibilidade e ambiência da área, como também no tráfego local. Além disso, como se pôde observar, a quase totalidade dos bens tombados em Leopoldina são de edifícios ou instituições públicas. Isto pode refletir certa resistência por parte dos moradores em buscar a proteção institucionalizada de seus bens privados.

Outro fator observado é que está havendo um processo de substituição ou renovação urbana na Rua Barão de Cotegipe. Alguns casarões passíveis de proteção estão sendo demolidos e substituídos por novas construções. Contudo, o

que chama a atenção é que alguns destes novos edifícios estão reproduzindo as características arquitetônicas das construções demolidas. Se está recebendo algum respaldo enquanto preservação, é importante mencionar que este processo não consta nas diretrizes de proteção patrimonial do Estado ou do país.

Por outro lado, é possível observar também uma diversificação de atuação das políticas públicas de preservação do patrimônio de Leopoldina. Isso se dá no momento em que estas políticas tentam abarcar o patrimônio intangível da cidade e ampliar o escopo de proteção que engloba uma considerável multiplicidade cultural. Tal fato demonstra atenção aos segmentos e grupos sociais que durante muito tempo foram relegados pelas instituições responsáveis pela questão patrimonial não apenas no país, como também em boa parte do mundo ocidental.

Ginásio





Piacatuba

REFERÊNCIAS

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **As transformações do patrimônio**: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela e LIMA FILHO, Manuel Ferreira. (Org.). *Antropologia e patrimônio cultural: Trajetórias e conceitos*. Brasília: ABA Publicações, 2012.

HANDLER, Richard. Cultural property and culture theory. **Journal of Social Archaeology**. Virginia: Department of Anthropology, University of Virginia, USA, vol 3 (3) 353-365, 2003.

HARTOG, François. Regimes de Historicidade: **Presentismo e Experiências do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Relato de *experiência* de ensino

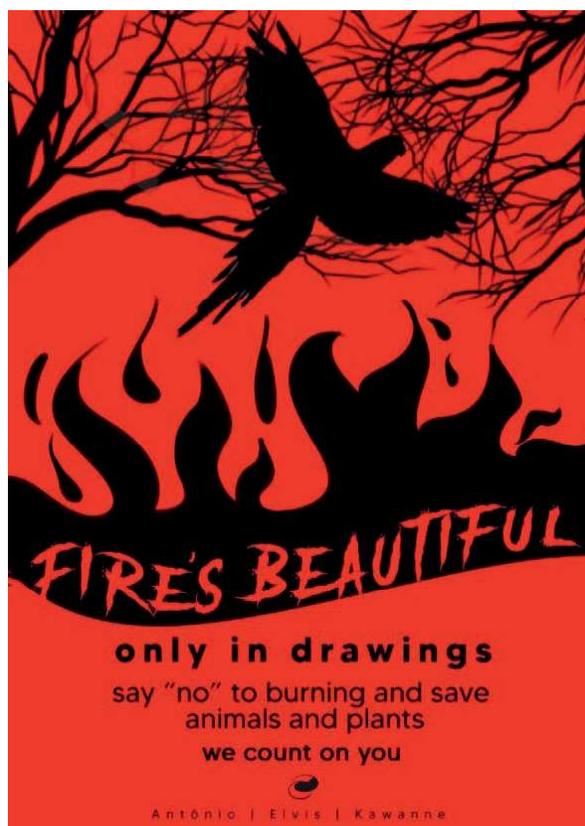
Flávia Marina Moreira Ferreira

Docente do CEFET/MG campus Leopoldina.

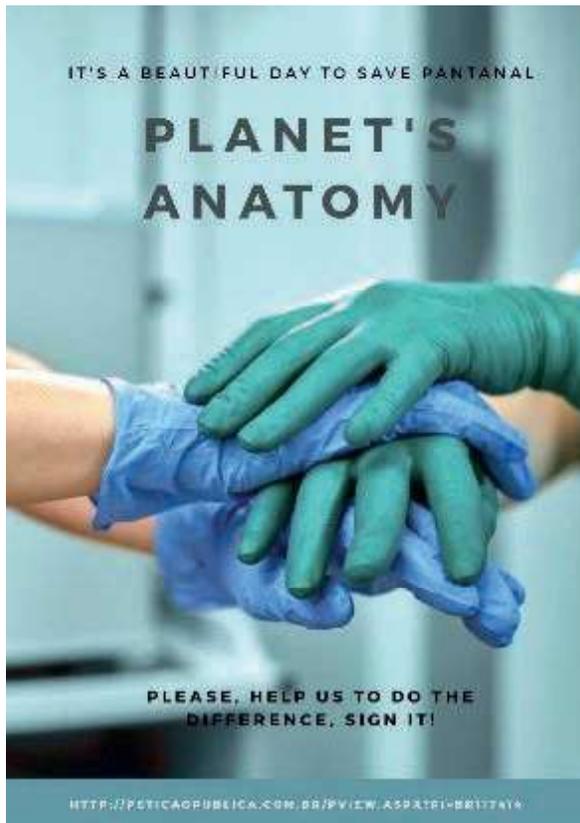
Mestre em Letras pela UFV. Bolsista CAPES do curso de doutorado do programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF.

Olá, pessoal! Passando por aqui para contar a vocês um pouquinho sobre os trabalhos realizados pelos estudantes das turmas de terceiro ano dos cursos técnicos integrados da nossa escola, nas aulas de Língua Inglesa.

Como sabem, diante da realidade do ERE, muitas atividades precisam ser adaptadas para o ambiente virtual. Pensando nisso, ao estudarmos uma das unidades propostas pelo nosso livro didático, que é sobre as ações humanas que impactam o Meio Ambiente, propus aos estudantes que criassem um slogan/campanha publicitária (que também era um dos gêneros textuais estudados na unidade) para a preservação do nosso planeta, com foco para algum problema que eles considerassem importante. E o resultado não poderia ser diferente: os trabalhos ficaram lindos, criativos e caprichados. Agradeço as turmas do terceiro ano pela parceria durante as aulas de Língua Inglesa! Grata por ser professora de vocês e estarmos juntos nesta caminhada que nos apresenta muitos desafios, mas que nos fortalece enquanto seres humanos.



Trabalho realizado pelos estudantes Kawanne de Sousa Maia, Elvis de Freitas Pires e Antônio Carlos Stephan de Souza Neto, do 3 INF



Artigo

Trabalho realizado pelos estudantes Marlon de Assis Marinho Filho e Leonardo Jorge Nunes Angelino, do 3º MEC



Trabalho realizado pelas estudantes Júlia Lopes Alves e Ana Laura de Angelis Ferraz, do 3º ELE

Clube de leitura

Introduzindo

Erika Tiemi Anabuki

Mestre em Engenharia Elétrica pela UFRJ e em Vocational Education Training pela Hamk University of Applied Sciences, HAMK, Finlândia. Docente do CEFET/MG campus Leopoldina.

Introduzir essa nova seção da revista não é tão simples, ainda mais pelo peso da responsabilidade em abordar um tema tão importante, mas ao mesmo tempo tão pessoal (os leitores vorazes sabem bem), que é a paixão pelos livros.

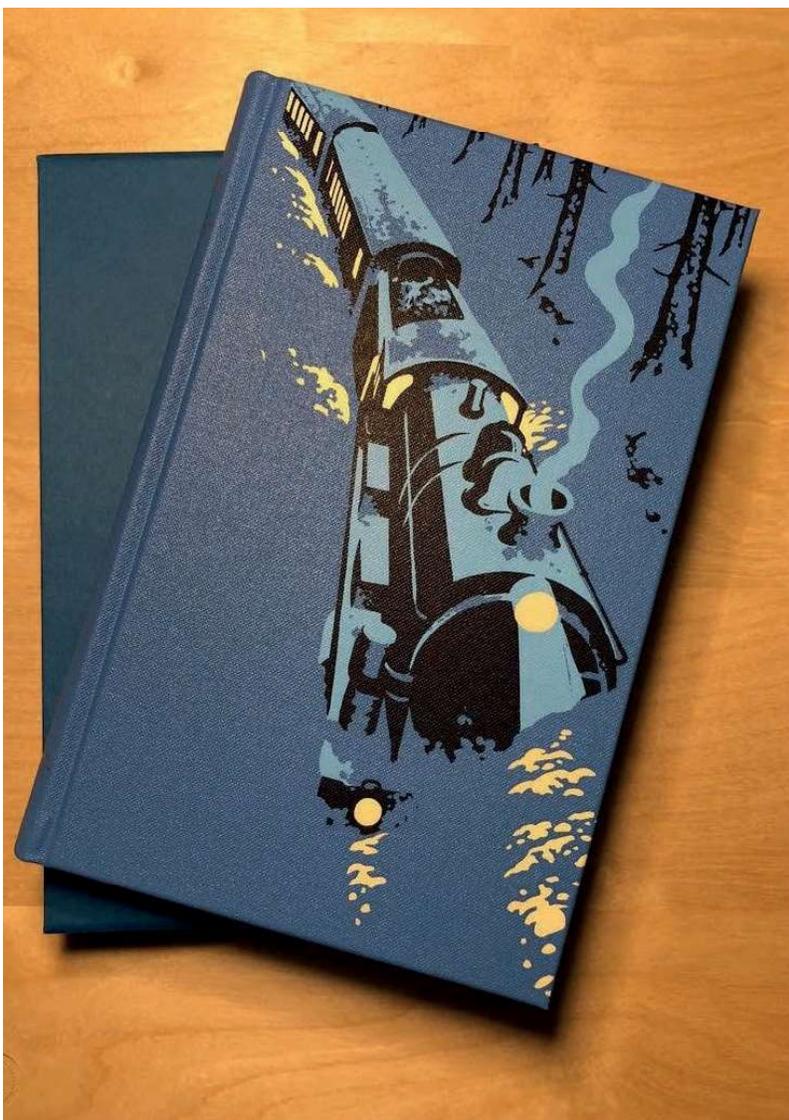
De fato, todos os leitores, de forma mais ou menos apaixonada, têm consigo aquele livro que foi marcante, que nos inspirou e nos tirou o fôlego (e por que não o sono?), que deixou resquícios em nossos pensamentos por dias, que nos fez viajar quilômetros sem sair do lugar, que nos instigou a pensar e imaginar além das palavras, ou até mesmo nos fez literalmente “dar vida” a alguns de seus personagens.

E é a partir desses estímulos que nossa imaginação e atividades cognitivas se desenvolvem, nos permitindo enxergar e expressar além do que se está escrito, o que se traduz em discernimento e empoderamento. Não por acaso há séculos, em todos os contextos históricos da humanidade, livros, textos e demais produções literárias foram (e são) cen-

surados (por vezes literalmente queimados) para que as pessoas não tenham acesso aos seus conteúdos e informações. Aqui, já introduzindo o leitor ao contexto do nosso “Clube do Livro”, quem não se lembra de Humberto Eco, na obra “Em nome da rosa”, em que os religiosos envenenavam as páginas dos livros considerados “hereges”?

Assim, sem mais preâmbulos, como já devem ter notado, o objetivo de nosso “Clube do Livro” é esse: bater um papo sobre os livros. Ou seja, esta seção é um espaço dedicado para compartilhamento das opiniões dos leitores sobre os livros e suas inspirações, com finalidade de servir como referência para atrair ainda mais adeptos.

Logo, coube a mim a responsabilidade de inaugurar nosso clube na Cefetiando. E como foi difícil elencar uma única obra para compartilhar com os leitores, das inúmeras que, em diferentes momentos, me marcaram ou inspiraram, seja pelo conteúdo abordado ou mesmo pela sensibilidade do autor (a) transpassada via palavras. É como se eu ti-



Exemplar do livro *Assassinato no Expresso Oriente*

vesse personificado um personagem de Haruki Murakami e, perdida em pensamentos, vagando por uma Tóquio chuvosa, tivesse que fazer uma escolha, assim... simplesmente, apenas fazer.

E aí vieram tempestades de ideias: por que não falar de um clássico? Afinal, não são

clássicos à toa! Proust, Kafka, Dostoiévski, Machado de Assis, Clarisse Lispector... A lista é grande, e todos merecem ser citados, com seus devidos reconhecimentos. Entretanto, na enxurrada de pensamentos, quase como Holden Caulfield em "O apanhador no campo de centeio", de Salinger, tentando encontrar a si mesmo, diante de tantas dúvidas, me questionei: por que não compartilhar aquele livro de fato inesquecível? Aquele que, no início de minha juventude, quando eu tinha por volta de 14 anos, me introduziu ao meu estilo favorito, que são os romances policiais, e que, apesar de conter todos os elementos das quais me tiram o sono (investigação, trama assassina, multiculturalismo), ainda aborda de forma arrebatadora vários dos aspectos psicológicos e comportamentais das pessoas.

Enfim, o bate papo inaugural do nosso "Clube do Livro" é dedicado ao "Assassinato no expresso do Oriente", da autora Agatha Christie. Sim, é um clássico da rainha do crime. É aquele livro que, ao ler, nos faz querer adentrar ainda mais nas obras dessa rainha, e foi o que ocorreu comigo. Fui arrebatada por sua escrita, e, após a leitura dessa obra, vieram dezenas de outras (das centenas publicadas pela autora), e posso afirmar que sim, ela é minha autora favorita.

No "Assassinato no expresso do Oriente", a "massa cinzenta investigativa" atuante é o renomado belga Hercule Poirot, que estava em trânsito no trem do Expresso do Oriente, da Turquia rumo à Londres, passando pelos países da Europa oriental e ocidental, juntamente com outros passageiros, cada um com suas características e bagagens culturais. Durante uma tempestade de neve muito

forte, o trem em que Poirot estava viajando é obrigado a parar e, nesse momento, ocorre um crime, colocando o detetive “no lugar e na hora certa” para desvendar o assassinato, que, digamos, apenas o peculiar cavalheiro belga seria capaz de fazê-lo.

Assim, a obra transita entre os pensamentos do detetive, a fim de elucidar o mistério, e a caracterização dos personagens e dos elementos da trama. Apesar do livro ser narrado na terceira pessoa, a autora é capaz de caracterizar excepcionalmente bem os personagens, seus comportamentos e pensamentos, quase como em um fluxo de consciência, como faz Clarisse Lispector. É a partir dessas caracterizações que a autora instiga o leitor a questionar quem seria o assassino, e quais as motivações para o crime, sem que sejam oferecidas pistas ou motivações piegas. Isto é, sem frugalidades. Afinal, a rainha do crime não tem esse título à toa: todas as suas obras são tecidas em tramas que transitam entre o real e o psicológico, entre a aparência e a consciência. Como ela mesmo já afirmou, nenhum crime é cometido sem motivos, sem intenções.

São esses aspectos psicológicos e comportamentais que vão diferenciar as obras de Agatha Christie das demais obras do gênero. Sim, há outras obras da autora com uma ênfase maior na perspectiva psicológica dos personagens que particularmente no crime, como é o caso de “A mansão Hollow”.

Entretanto, no “Assassinato no expresso do Oriente”, o leitor vai suspirar nas últimas páginas quando os sentimentos de perda e vingança são postos à mesa. Como penalizar alguém que perdeu todo o sentido de viver por conta de uma perda irreparável? Sua perda já não é sua pena? O que resta a ela? São nesses tênues fragmentos de consciência que Poirot transita no desenrolar da investigação, demonstrando que ele é não somente um gênio de “massa cinzenta”, mas um ser humano dotado de sensibilidade e justiça que, apesar de dominar todas as técnicas investigativas-policiais, ao tocar nas questões da alma humana, é também apenas um humano.

Com sentimentos de nostalgia (seria saudades de Poirot?), vou me despedindo desse nosso bate papo e abrindo espaço para os leitores compartilharem seus livros. Sem mais delongas, o “Clube do Livro” foi criado para isso: para compartilhar, para incentivar e inspirar, e por que não emocionar através das palavras?

Com um pinguinho de lágrima caindo no rosto, ao rememorar todas as emoções juvenis sentidas ao ler “Assassinato no expresso do Oriente”, como ao sentir um aroma e lembrar imediatamente de alguém, ou ouvir uma música e lembrar-se de um momento, espero também que o leitor possa compartilhar suas percepções e inspirações de livros neste espaço, e fazer dele um esboço às emoções e lembranças, pois, como já disse Pablo Neruda: “livro, quando te fecho, abro a vida”.

Oliver Twist VIII

Clube de leitura

Ayres William R. Monteiro

Discente do 2º ano do curso técnico integrado em Informática do CEFET/ MG campus Leopoldina.

E se você se encontrasse sozinho sofrendo... Será que aceitaria o abraço de seu pior inimigo?

Essa frase é um bom começo para o comentário desta leitura. O texto fala sobre ninguém mais, ninguém menos que Oliver Twist, um órfão fictício - e por sinal, famoso entre os leitores de jornais do século XIX - que por consequências da vida se encontra faminto, com uma camisa velha, dois pares de meias, um *penny* - que é uma espécie de centavo inglês - que um velho amigo surrupiou de um defunto e por fim, mas não menos importante, um punhado de desespero em uma estrada rumo a Londres.

Em seu caminho, Oliver se depara com situações distintas de miséria, numa hora fome, na outra desprezo, na outra fraqueza e por aí vai. Apesar desses encontros (nada agradáveis em minha opinião), ele também presencia (poucos) momentos de gentileza, como quando recebe ajuda de um guarda-barreira e de uma velha, aliás, velha essa cujo neto naufragara e agora vivia como errante em alguma pa-



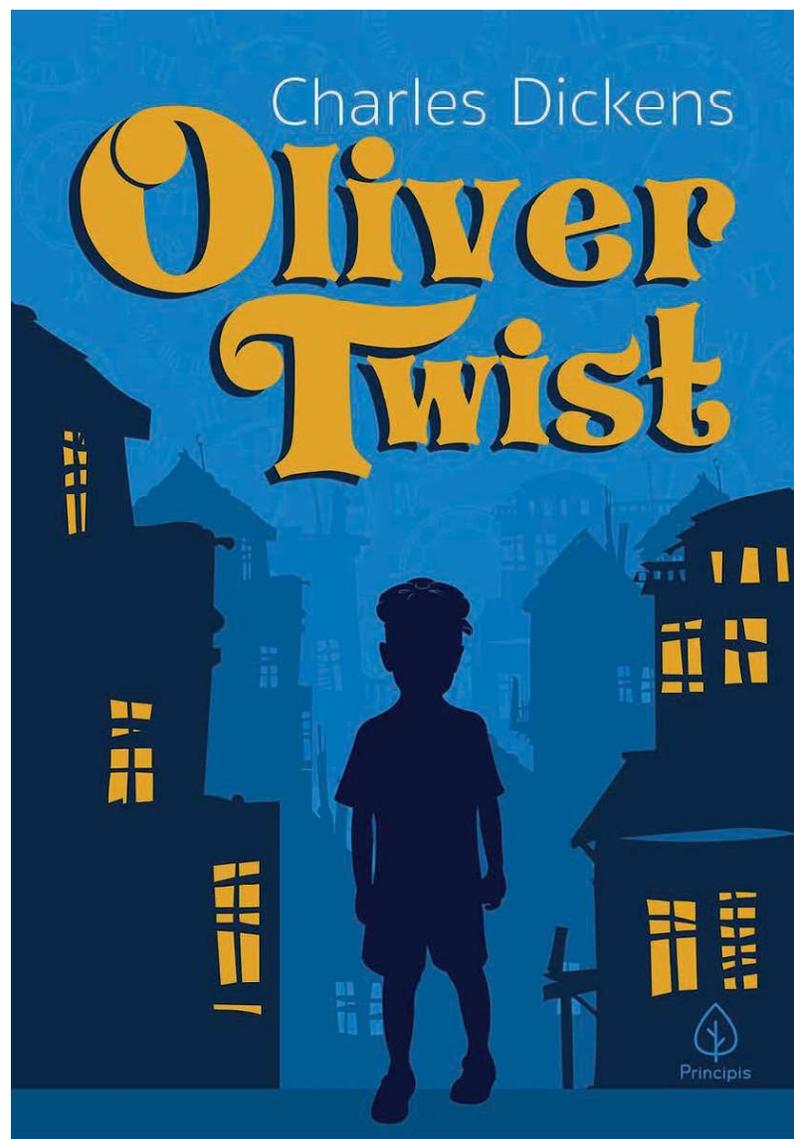
Ilustração de Oliver Twist de 1837

ragem mundo afora. Informação útil? Não sei. A velha nunca mais é citada, muito menos seu neto, mas a forma como Charles Dickens - o autor de tal narrativa - utiliza da atribuição de informações no mínimo curiosas - tal como a origem do *penny* de Oliver - faz com que as peças do roteiro não tão relevantes funcionem como um ótimo alívio cômico. Digo, diante de tantos cenários sombrios e insalubres, rir um pouco faz toda a diferença.

Mas esses cenários também abrem espaço para a discussão: como as crianças crescem? Não. Essa não é a palavra. Vamos reformular: como as crianças sobrevivem em meio a lugares tão sufocantes? É então que nosso grande - mas literalmente pequeno - Jack Dawkins surge. Dotado de uma maestria em bater carteiras, Jack é um garoto da idade de Oliver, que mesmo com roupas sujas apresenta certo grau de fortuna, ou, pelo menos, o suficiente para convencer Oliver a segui-lo em situações completamente suspeitas. Oliver não tem escolha, ou melhor, não tem outra opção. Jack é o primeiro a lhe oferecer comida, conforto e uma casa. Outros dificilmente ofereceriam esses três numa mesma frase.

Qualquer pessoa que não tivesse escassez de alguma dessas ofertas suspeitaria de Jack, mas podemos retornar à pergunta inicial do texto, que talvez aborde uma parte do pensamento que Charles Dickens deve ter tido: a vulnerabilidade das crianças. Oliver está sozinho, mais especificamente, sozinho, com fome e com frio. Então, alguém suspeito - um inimigo - oferece tudo que ele precisa, acolhendo-o, e Oliver não recusa, como muitos não recusariam até mesmo nos dias de hoje. Pensemos em quantos "Olivers" existem atualmente, não recusando o

roubo, o tráfico, a prostituição... E por quê? Talvez porque não haja entidades que protejam a todos. Tampouco medidas que protejam a todos. E então, essas crianças sofrem. Tudo porque não possuem nada. Nem mesmo amparo.



Capa de uma das edições de Oliver Twist

“A Casa de Astérion”

Bruna Santos da Luz

Discente do 1º ano do curso técnico em Meio Ambiente CEFET/MG
campus I – Belo Horizonte.

A obra “A Casa de Astérion”, escrita por Jorge Luis Borges retrata, em suma, uma nova perspectiva do conto do Minotauro, originário da mitologia grega. Apesar de ser um mito conhecido, Borges o aborda de maneira extremamente inusitada, desde a escolha por um dos nomes menos conhecidos da criatura, Astérion, até sua discricção em evidenciar o mito no texto, relação que não se percebe até seus trechos finais, explicitada apenas no último parágrafo.

A obra se inicia com a narrativa de Astérion sobre sua residência e seu cotidiano, que são descritos repletos de peculiaridades, contaminados com sentimentos de quietude e solidão. Ambos levam o leitor a acreditar que o narrador é uma figura humana. A perspectiva inusitada, a diversidade de ângulos e a humanização de suas personagens nos textos configuram traços marcantes da escrita do autor, amplamente utilizados em sua narrativa.

O uso dos artifícios citados gera uma aproximação entre o leitor e o monstro, o que se faz mais presente por Astérion ver-se como alguém solitário e incompreendido pela sociedade, não se reconhecendo, em momento

algum, como maléfico ou cruel. Este enxerga a realidade a partir de extremos, como destino e maldição, além de sua percepção de infinidade. Borges faz uso abundante de simbologias referentes a ciclos infinitos em suas obras e “A Casa de Astérion” não é exceção dessa manifestação, estando presente nas diversas menções ao número quatorze, que expressa tal significado.

Astérion também enxerga o mundo centralizado em si como é expresso na passagem:

“Tudo existe muitas vezes, quatorze vezes, mas duas coisas há no mundo que parecem existir uma só vez: acima, o intrincado Sol; abaixo, Astérion. Talvez eu tenha criado as estrelas e o Sol e a enorme casa, mas já não me recordo.” (BORGES, 1947).

Por consequência, Astérion acredita que toda a configuração do mundo e da existência está associada a ele. Essa percepção se relaciona fortemente com sua sensação de infinidade e sua visão extremista.

No quarto parágrafo, ao mencionar o ritual de libertação do mal, no qual nove homens enfrentam a criatura a cada nove anos, tor-



Pintura *O Minotauro*, de George Frederick Watts

na-se perceptível a relação de Astérior com o conto do Minotauro para aqueles que conhecem a história na íntegra. O confronto é narrado pelo monstro como uma cerimônia rápida em que não necessita de esforço, expressando um sentimento de decepção. Todavia, Astérior se alegra ao escutar de uma de suas vítimas que seu libertador viria, o que o faz refletir sobre qual seria sua aparência. Ao questionar se haveria semelhanças com um touro, Borges evidencia um pouco mais o paralelo entre a criatura Astérior e o Minotauro. Além disso, o sentimento de felicidade e ansiedade do monstro devido à chegada daquele que iria pôr fim ao seu sofrimento, faz com que se aproxime ainda mais de um ser humano.

No último parágrafo, Borges apresenta a evidência final da correlação, ao trazer um diálogo entre Teseu, aquele que derrotou o Minotauro no conto grego, e Ariadne, sua amada. Nessa conversa, Teseu demonstra sua surpresa com a falta de defesa do monstro ao enfrentá-lo. Essa informação é o complemento final do autor à configuração humana que fornece a Astérior, levando o leitor a sentir compaixão pela criatura e não orgulho por sua derrota.

Os sentimentos desenvolvidos por Borges durante o curso do texto constroem uma nova e única perspectiva de uma história amplamente conhecida pelo público em geral, trazendo uma reinvenção marcada, substancialmente, por externar o “monstro” presente no ser humano através de uma metáfora.

Pandemia

Mural literário

Ariel Campos

Discente do 1º do curso de Eletrotécnica do CEFET/MG campus Leopoldina.

Seguimos

sem mais abraços,

beijos,

contato.

Muito pânico, saudades e melancolia,
seguimos com medo de cair na mania.

Carregamos o peso da perda

de amigos,

parentes,

e até mesmo da natureza.

Mensagens positivas por todos os lados

mas quem governa apenas pressiona,

impõe,

e não se posiciona.

Faces aflitas cobertas por máscaras,

espero que depois de tudo

a gente aprenda a valorizar o olhar.

Carregamos o mesmo fardo,

como brasileiros e como humanos.

Continuaremos lutando juntos, mas separados.

Mural literário

Bruna Oliveira Cantil

Discente do 1º do curso de Eletrotécnica do CEFET/MG campus Leopoldina.

Se der, ótimo

pensar no como,
e no por quê
tem sido novo

como vou fazer;
por que tô fazendo;
será que traz o que quero

minhas questões estão sendo essas,
num contexto tão assustador
eu tenho sentindo e me ouvido

me questionando sobres meus saberes
e novamente
o por quê?

essa necessidade excessiva
em querer fazer algo
que sempre quis e nunca teve tempo

agora tenho,
melhor, tive
mas por que não fiz?

minha vida tem sido questionada
por mim
e pelo outro eu que não conhecia

minhas crenças estão sendo renovadas
meu respeito pelo outro eu
e por você estão sendo gerados

não tem sido bom ficar aqui
sempre, 24h, o tempo todo
somente com minha companhia

mas aprendi que a amo.
e então percebi que o abraço da minha avó
faz falta

e que o carinho nada carinhoso do meu pai
me transmitem,
de alguma forma, conforto

espero ter me dado o que nunca te enviei

A União Europeia

e o “Brexit”

Dicas

Franciele de Oliveira Pimentel

Mestre em Geografia pela UFJF.

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Um dos assuntos da Geopolítica Contemporânea mais comentados nos últimos meses é a situação do Reino Unido em relação à União Europeia, o chamado Brexit – junção de “Britain” (britânico) com “exit” (saída), um assunto relevante que pode ser cobrado nos vestibulares e no ENEM. Portanto, devemos estar atentos às motivações e às consequências desse importante processo geopolítico.

Na atualidade, a União Europeia, composta por 27 países-membros, notadamente é o bloco econômico com o maior nível de integração da história. É classificada como uma **união econômica e monetária**.

Formada inicialmente em 1950, por seis países: Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e os Países Baixos, ficou conhecida como **CECA** (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço). A CECA tinha como principais objetivos a criação de um mercado comum no setor da indústria pesada, a adoção de medidas econômicas comuns e a abolição de tarifas alfandegárias para a comercialização do carvão e do aço entre os países-membros. Além disso, buscava manter como aliados dois rivais históricos, a França e a Alemanha.

O grau de integração foi evoluindo ao longo dos anos. Em 1957, os seis países da CECA, assinaram o **Tratado de Roma**, que determinou a fundação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), também chamada de Mercado Comum Europeu, acarretando maior integração e crescimento econômico por meio das trocas comerciais. A CEE estabeleceu políticas econômicas comuns na agricultura, uma união aduaneira e também uma política nuclear comum, que ficou conhecida como Euratom.

Em 1º de janeiro de 1973, Dinamarca, Irlanda e o Reino Unido se juntam a CEE, que passou a ter 9 membros. Depois de dois anos o Reino Unido fez um plebiscito (consulta popular) sobre a permanência no bloco. O resultado foi favorável à permanência: 67,2 % dos britânicos votaram “sim”. Em 1981, a Grécia ingressa no bloco, e em 1986 é a vez de Portugal e Espanha.

Em 1992, já com 12 países membros, foi assinado o **Tratado de Maastricht**, e a CEE tornou-se, então, a União Europeia (UE). Com o objetivo de aprofundar a integração econômica, foi adotada uma moeda única entre os países, o Euro, que passou a circular a partir



O Brexit e as novas relações dos britânicos com a UE

de 2002, facilitando a as trocas de capital, mercadorias e serviços. O Reino Unido, por razões econômicas e culturais, não aderiu à moeda comum, mantendo a sua moeda tradicional, a Libra Esterlina.

Para facilitar a circulação dos europeus, foi negociada a assinatura de um tratado (**Tratado de Schengen**) entre diversos – mas não todos – países do bloco, permitindo a livre circulação de pessoas intrabloco. Vale destacar que o Reino Unido não aderiu ao Tratado de Schengen, pois o país sempre optou por fazer um controle mais rígido das fronteiras e dos imigrantes.

Em junho de 2016, foi feito outro plebiscito, com resultado apertado, em que 52% dos britânicos foram a favor da saída, enquanto 48% foram a favor da permanência do Reino Unido na União Europeia. Lembrando que a decisão de saída não foi unânime dentro dos próprios países que constituem o Reino Unido, pois, na

Escócia, na Irlanda do Norte e na capital Londres a permanência foi mais votada. Após o resultado das urnas, o então primeiro ministro britânico, David Cameron, renunciou ao cargo, alegando que não era mais capaz de conduzir o país, já que ele não era favorável o Brexit.

A campanha para o Brexit foi liderada pelos grupos mais conservadores. Entre as principais motivações por trás da saída do bloco econômico, estava o desejo de aumentar o controle das fronteiras e dos imigrantes, assim como o de ter uma política econômica mais independente das decisões que são tomadas pelas instituições da UE. Além disso, outra motivação foi o aumento dos atentados terroristas na Europa nos últimos anos, que vem causando, entre os europeus, o sentimento de xenofobia, principalmente o da islamofobia.

O processo de saída foi inédito, uma vez que nenhum outro país saiu do bloco. Dessa for-

ma, houve toda uma negociação entre o Parlamento Inglês e o Poder Executivo da União Europeia. Após a renúncia de David Cameron, Theresa May assumiu como primeira ministra, prometendo agilizar as diretrizes de negociação. Porém, May não teve sucesso em conduzir as negociações e, após forte pressão para deixar o cargo, inclusive do próprio partido, também renunciou.

O ex-ministro das relações exteriores e membro do partido conservador britânico Boris Johnson assumiu o cargo de primeiro ministro em julho de 2019, prometendo também agilidade nas negociações de saída definitiva do bloco. Depois de quatro anos de negociação, desde o dia 1º de fevereiro de 2020, o Reino Unido oficialmente já não faz parte da União Europeia.

Quais serão as consequências desse “divórcio”, após 47 anos de “casamento”? Várias são as especulações sobre as consequências do Brexit, entre elas: o enfraquecimento econômico e militar da União Europeia, já que Reino Unido, França e Alemanha são as principais economias e potências nucleares do bloco. Outro ponto sensível é em relação aos milhões de cidadãos europeus que vivem no Reino Unido

e os britânicos que residem em países da EU, que terão que regularizar as suas condições migratórias. Alguns economistas afirmam que o país obterá maiores vantagens econômicas nas relações bilaterais, especialmente com os Estados Unidos. Outros, contrários, alegam que as consequências serão desastrosas, como o aumento do desemprego, uma vez que empresas deixarão o Reino Unido e irão para outros países da União Europeia. A debanda de mais de 140 empresas está relacionada principalmente ao cenário de incertezas sobre as futuras relações alfandegárias entre o Reino Unido e os demais países do bloco.

Contudo, a maioria das opiniões são convergentes no sentido de que a União Europeia representa muito mais que um acordo econômico, mas um compromisso com a manutenção da paz no continente, uma vez que mantém como aliados países que foram historicamente inimigos, responsáveis por duas grandes guerras mundiais no solo europeu. E a concretização da saída do Reino Unido poderá desencadear um “efeito dominó” no bloco, principalmente com o crescimento dos partidos ultra nacionalistas nos vários países membros.

REFERÊNCIAS

Pelicer, L. União Europeia inicia processo contra o Reino Unido por descumprir acordo do Brexit. **El País**, Bruxelas, 01 de out. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-01/uniao-europeia-inicia-processo-contra-o-reino-unido-por-descumprir-acordo-do-brexit.html>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

UE - União Europeia. **European Union**. Disponível em: https://europa.eu/european-union/index_en. Acesso em: 04 de out. de 2020.

HQS

Juliana Neves Barbosa

Doutora em Agronomia pela UFLA.
Docente do CEFET/MG campus Leopoldina.

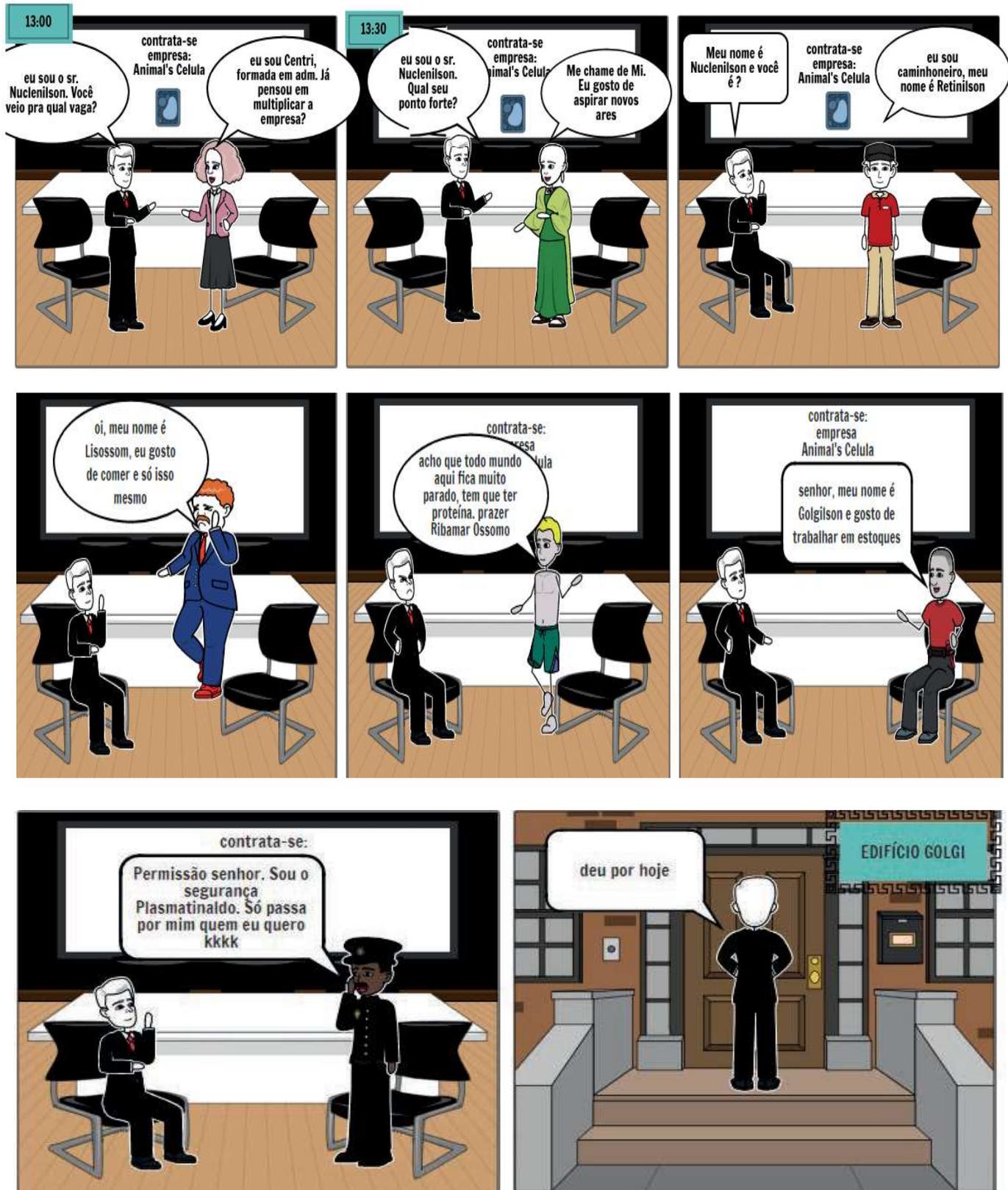
Sabrina Anacleto Teixeira

Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.
Docente do CEFET/MG campus Leopoldina.

Falar um pouco sobre a parceria das áreas de linguagens e ciências biológicas é sempre muito gratificante. O professor é um profissional que a todo momento se reinventa, se adapta às tantas e diversas situações e condições. Nesse momento de Pandemia, não poderia ser diferente. Uma estratégia de chamar a atenção do estudante é trazer o conteúdo da matéria, às vezes exaustivo, para mais próximo da realidade dele. E, nesse momento, nada melhor do que histórias em quadrinho para tentar aproximar o aluno dos processos biológicos.

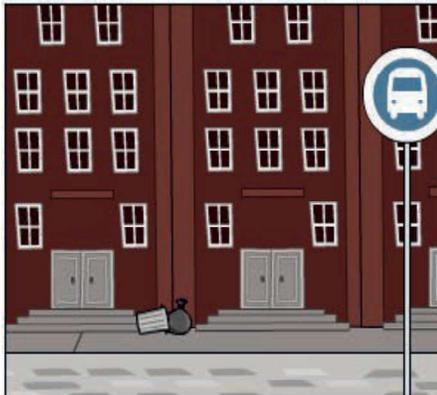
O estudo das células é algo super mágico, apesar de complexo. Digo isso em relação a um universo único que é o universo microscópico. Fazer valer um estudo sobre células sem o uso de microscópios e tentar dimensionar a relevância de cada estrutura com suas funções tão específicas foi um desafio. E nada melhor do que colocar “a persona” nas estruturas celulares. Essa experiência única

foi vivenciada pelos alunos do primeiro ano. A ideia era personificar as estruturas das organelas celulares, dando-lhes funções corriqueiras da realidade humana. Uma maneira lúdica de entender processos tão complexos. Ao final do trabalho, recebi alguns relatos super positivos de estudantes que pela segunda vez estavam cursando o primeiro ano e, por meio dessa atividade, conseguiram entender todo esse universo microscópico da biologia. Relataram também que dessa forma torna-se mais fácil o processo de aprendizagem. Alguns citaram “não tive que decorar, enfim entendi a biologia”. São falas assim que nos inspiram, nos motivam a continuar nessa saga de sempre criar e reinventar formas e maneiras de crescermos como mediadores do conhecimento.



A célula animal

Funcionamento das organelas resumida em quadrinhos.



A empresa "A Célula" e seus funcionários em um dia de trabalho.



preciso melhorar os lucros! Eu comando essa empresa!

O patrão Sr. Núcleo.



Ninguém passa sem minha permissão.

O porteiro Membrana Plasmática.



Mais um projeto de proteína! Vamos trabalhar.

Os funcionários Ribossomos



Vamos transportar essas proteínas!

É isso aí!

Ribossomos e Retículo endoplasmático rugoso são grandes amigos no trabalho.



Sintetizando um lipídio!

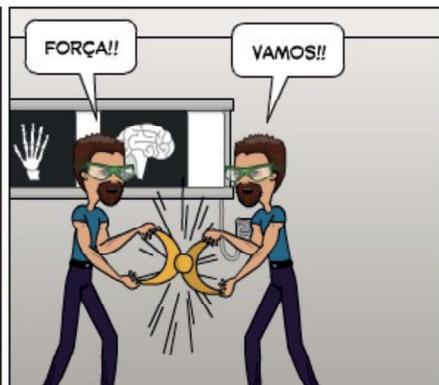
BOOM

Retículo Endoplasmático Liso em seu trabalho.



Hora de jogar o lixo Fora!

O Complexo de Golgi Fazendo a limpeza da empresa.



FORÇA!!

VAMOS!!

Os centríolos separando os cromossomos.



Sou um grande cientista!

O Peroxissomo, quebrando substâncias tóxicas dos produtos.

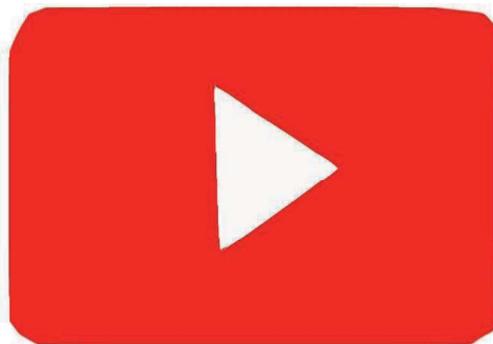
Denise Da Silva Lizardo
Giovana Garcia Deveza
Gabriel De Souza Norberto Ferreira
Elisa Da Silva Vilela
Manoela Morais De Mello

1º ano do curso técnico em Mecânica do CEFET/MG campus Leopoldina

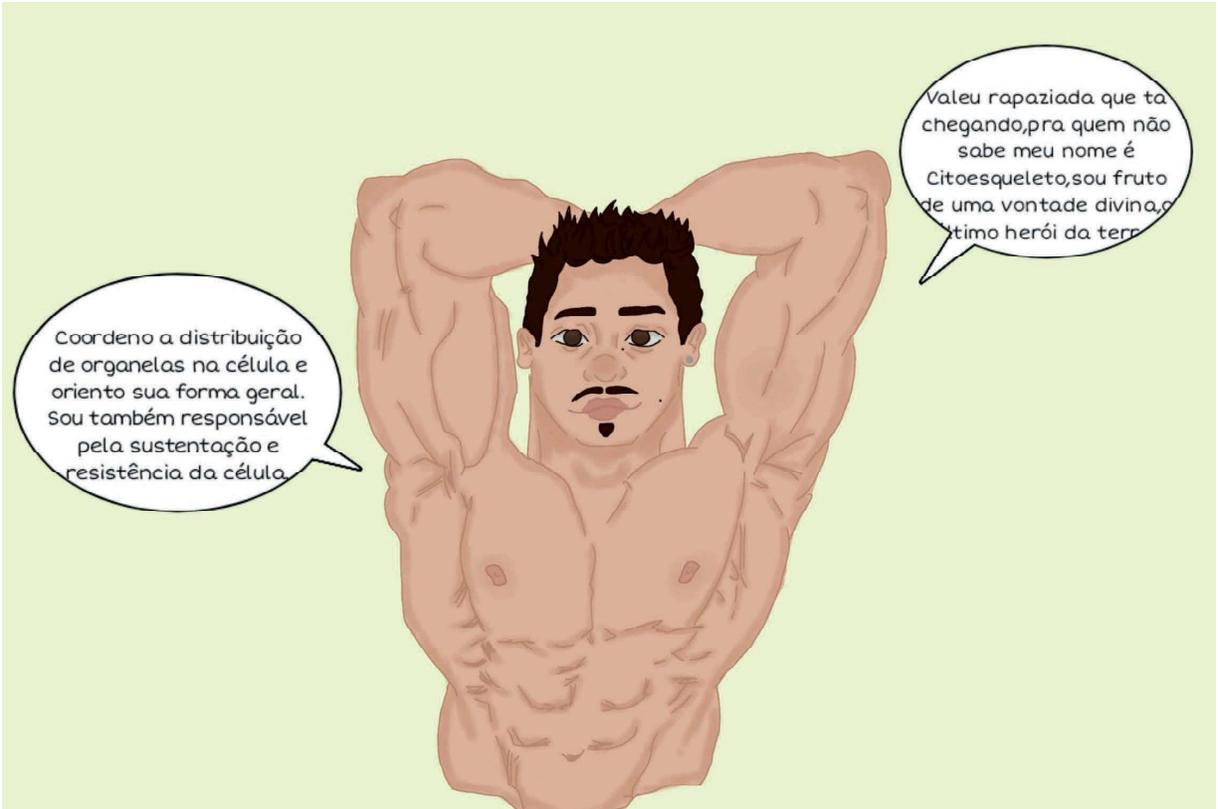
HQs

CélulaTube

Um universo aonde a célula é uma plataforma de vídeos e as organelas são produtores desses vídeos.







Coordeno a distribuição de organelas na célula e oriento sua forma geral. Sou também responsável pela sustentação e resistência da célula.

Valeu rapaziada que tá chegando, pra quem não sabe meu nome é Citoesqueleto, sou fruto de uma vontade divina, o último herói da terra.



Dentro de mim se encontra o DNA, sou delimitada por membrana e considerada o centro de controle de atividades da célula, resumindo quem manda em tudo sou eu.

Oi aqui é o Núcleo, do canal nunca te pedi nada!







CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
DE MINAS GERAIS